

Redacção, Administração e Propriedade  
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA—Telf. 3 Cete

Director e Editor  
PADRE AMÉRICO

AVENÇA

Composto e Impresso na  
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales do Correio para CETA



# Gaiato



Visto pelo  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 1  
PREÇO 1\$00

## UMA CARTA

Li o último número, do «Gaiato» aliás como todos leio-e comovi-me, como com os outros. Hoje, é a única coisa, mesmo, que me faz comover. Eu não me queria comover—eu queria encarar as coisas (e sei lá se o Céu...) com a mesma dureza com que me encaram a mim mas não posso; sou só; tenho necessidade de chorar. Eu tenho de chorar do que sou e do que não sou e, quando choro, é o «Gaiato» que faz um milagre.

A Obra do Gaiato!... Eu não sei de coisa que mais intimamente nos fale hoje do Evangelho que a Casa do Gaiato. Eu não sei de nada, hoje, mais humano, mais compreensivo, mais universal e mais tocado pela Graça do Divino. Nada de mais fraternal, neste mundo em que odiamos e em que choramos, por não sermos irmãos.

Sei bem o bem que nos faz!... Tanto é, que, por mim, posso afirmar que não somos nós que fazemos bem à Casa—ela é que nos faz a nós. Veja porque recebe tanto—e enfim o que seria de nós sem a casa; quantas dores, quantas ansias, quantos crimes—quam poucos desabafos, que já é tanto;

admirável entrelaçamento, e visuo do que tudo seria se todos fossemos bons—davamos, e mais recebíamos; o que não sucede quando damos ao mundo, Pai Américo.

E deixz-me chamar-lhe também Pai Américo. E' que eu, sou um gaiato-gaiato rico, apenas. E como eu, são afinal tantos, tantos dos que dão, ou ainda não deram. Pois porque é que a Obra nos entra tanto no coração? Não é por todos termos algo de gaiato? Não é por sermos eternos gaiatos? Ah! Que seria de nós, se a Obra então faltasse! O que será de nós,—como aquela velhinha que foi posta fora de casa dos patrões quando morreram e estava habituada às suas coisas—se nos morrer a Obra sem nos legar o seu Espírito!

Porque hoje não há dor, nem máguia, nem ancia que não busque o lenitivo na Casa do Gaiato. Todos, todos nós nos acolhemos ao aconchego d'ela.—Uns dando, outros recebendo—«louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo»—é que todos nós somos uns eternos gaiatos.

E podem pensar que a Obra

não é de hoje; que é retrógrada; que o Espírito que a anima é doutras eras—não, não—não há nada mais moderno, mais Salvador, mais solucionador—de Espírito mais clarividente e fraternal.—Isto é a Casa do Gaiato—eis a fórmula, onde se encontra a chave do enigma que solucionará o drama actual.

Ah! Não nos abandone, Pai Américo! Não nos abandone sem uma certeza—que nós temos necessidade de crer e de chorar. E eu creio que a Obra será perene—porque alicerçada no suor de sangue dos mártires—porque alicerçada nas dores dos que esperam, de nós que esperamos e cremos nela. Ah! Não nos abandone! Todos precisamos de crer e chorar muito—e eu preciso de crer e chorar muito. Se alguém há que possa vingá-me as dores—ou que do Divino consiga fazer baixar a mim a sua paz—é a Obra da Rua. Ah! reparta conosco um pouco do «crédito» que tanto usufrui a Obra, no «banco do céu»—onde os juros se multiplicam de cem por um.

E nada mais desejo senão uma oraçãozinha—Duas. Uma para que Deus me baixe ao Coração—outra para que Deus me ilumine os meus anceios, já que as minhas forças nada valem. Só duas oraçãozinhas—uma do Pai Américo e outra dum pequenino, dum inocentinho que amanhã era um criminoso e hoje pode ser um justo.

P.S.—O rico não sou propriamente eu. Se fosse mais mandaria. E mais uma vez peço que me entregue às orações dum pequenino.

Peço aqui a todos perdão da minha imoestia, mas não resisto. Eu tenho de a publicar, se não toda, ao menos aquilo que importa. Nós temos de desenterrar Jesus Cristo. Temos de o libertar da mortalha. Muitos e muitos e muitos desejam que Ele se deixe estar no seu sepulcro glorioso, quietinho e em troca, levantam-lhe altares. É glória nossa que procuramos, enganados. E' o homem a encher-se de si.

carmezim! Daí a nada apareceu um outro homem de galões a perguntar qual dos três era o Padre Américo. Dei um passo em frente. V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tem aqui uma tribuna!!

Agora pasmava eu; uma tribuna! Um nadinha antes, enxotados pelas escadas abaixo; não pode entrar. Agora postos no píncaro; tem aqui uma tribuna. Dá tudo certo. E' do Evangelho. Quem se humilha, será exaltado. E aqui está de como eu fui ó «Parlamento».

## O NOSSO LIVRO

OS senhores tenham paciência. Calma. Os livros chegaram para todos. Estamos actualmente expedindo 60 d'eles por dia não podemos ir mais além. Nas nossas oficinas não temos nada que desejamos ter máquinas automáticas. E' tudo à mão. Gostamos assim.

Por estes dias, tencionamos começar com a respiga do segundo volume e depois, vamos a um outro volume de Notas de Quinzena. Os senhores não gastem dinheiro mal gasto, para estarem prevenidos; pois quem nome que nos apareça a requisitar um livro, Piolho arma logo uma ficha!

Eu não sabia nada d'estas coisas. Eu ando a aprender. Estes rapazes são perigosos.

Não sei de onde a carta vem é datada de qualquer sítio. Não sei de quem ela é; assina-se. Um Outro. Mas é uma carta cheia de luz.

Hoje de manhã, antes de subir ao altar, expliquei ao meu ajudante a intenção da missa e pedi a sua participação. (Outra d'um pequenino, dum inocente, que amanhã era um criminoso) Foi um d'estes. O meu avô foi pr hospital, um homem fugiu com a minha irmã e eu fiquei sózinho,—me disse o pequenino orfão quando aqui veio dar. Mais tarde num bairro de Lisboa, encontrava uma rapariga envelhecida, com traços de formosura. Era a fugitiva! Ia no terceiro homem...!

Sim. Daria amanhã num criminoso, se tivesse ficado sózinho no Bairro das Antas. Sim. Foi bem escolhido, para reza uma oraçãozinha por aquele Um Outro que desejaria ser durinho não se comover, encarar a vida com a dureza que o encaram nele. Queria ser mau, ao que parecia não pode. Mas não posso ter a necessidade de chorar.

Ora vamos a pôr todos os olhos nesta luz, sem nos cegarmos com ela. Não é o Gaiato. Não é a Obra. Não são os que a servem, embora haja neles o martírio; é sim Jesus Nazareno. Jesus Ressuscitado e vivo. E vivo. E' um Novo que escreve, sem dúvida. Ele não diz quem é; não assina; diz-se Um Outro. Mas moço. Nota-se pelo calor das palavras.

(CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA)

## De como eu fui ó Parlamento

ERA um dia de sol. Sol de Lisboa; tão sol que nem o inverno o mancha! Tinha saído do Paço de Sousa com uma larga agenda; só Ministros eram três! Começamos a trabalhar, Padre Adriano mais eu. Ele anda aprendendo a via sacra. Num intervalo das estações resolvemos e fomos. Adriano nunca tinha subido as calciras de S. Bento. Havia duas extensas fileiras de carros. Alguns metiam medo! O nosso Prefect, já de si tão pequenino, ali ficou ainda mais.

Entramos. Soldados da Guarda Republicana, ornavam as portas do espaçoso átrio. Começamos a subir. Um patamar. Outro dito, e ali era a entrada para a antecâmara da Assembleia. Estava-se na hora. Muitos senhores passeavam, outros sentavam-se em bancos de carmezim e todos esperavam o toque da campainha. Eu lancei mão do puxador da porta de vidros, quando um homem de casaca e galões me pergunta aonde eu ia, depois de me ter puxado pelas mangas da batina. Vou prá Assembleia, disse, e de novo tento abrir. Enquanto o fazia, sinto

nova puxadela: o senhor conhece aqui alguém? Não senhor. Eu não conhecia ali ninguém.

O senhor tem cartão?

Não senhor. Eu não tinha cartão.

Pois então não pode entrar!

Padre Adriano estava ao pé; também estava o Pároco de Tramagal, um verdadeiro levita. Eu fiquei humilhado. Os dois sacerdotes, esmorecidos, perderam um bocadinho d'aquela fé no meu poder: não pode entrar.

Desandamos escadas abaixo, P.<sup>o</sup> Adriano mais eu, tendo ficado em cima o de Tramagal. Iamos silenciosos, tristes; eu mais. No primeiro patamar fizemos pausa. Não podemos entrar, disse eu, baixinho para mim mesmo. Nisto, oiço de cima chamar pelo meu nome. Olhei. Alguém convidava-me a subir. Subimos. Estava o homem dos galões. O senhor que me chamara, declara-lhe que P.<sup>o</sup> Américo pode entrar em toda a parte! O Tramagal ouviu. Adriano também. Reacendeu-se-lhes a fé. Entramos no hall. Adriano, pasmava das pinturas a óleo e do mais. Sentamo-nos num banco de

ORVO

ir mais  
am dois  
sas casas  
abrir os  
s a tirar  
le ir para  
tal, para  
As nos-  
v: gali-  
ntainhos.  
empo um  
agora já

roduzido  
ssas ter-  
os bois e  
o restante  
couves,  
stão para  
pouco  
continha  
que nos  
Irmão.  
s nossos  
ito obri-

não têm  
elas vêm-  
la roupa.  
As costu-  
a. A rou-  
r para a  
os reme-  
mas no  
ue andar  
os nossos  
é favor  
as linhas.

ncia

há muito  
o as notí-  
por isso  
boas. Nós  
visitar os  
mos levar  
edem-nos  
tc.. E nós  
la porque  
os com a  
amigos  
viar algu-  
s socorrer

enhor P.  
emos uma  
ano não  
os trazer  
os trouxe  
de bacas-  
os anos  
e Tabuas,  
dou mas  
er de nós.

Gil

e mais po-  
r, nesta  
tudo deve  
verdadei-  
s bastam;  
s ofertas  
onológica,  
nosso as-  
o Minho,  
ado; este  
e; muito  
Outra car-  
s socorri-  
e que vi-  
vencê-las,  
hos 20\$00.  
um assom-

J. M.

# DOCTRINA

AQUI há tempos, recebi uma carta de algures a dizer que um grupo de simpatisantes da sua obra pensam fazer um serão de canto, recital, musica e baile; e perguntavam se eu estava de acordo. Respondi na volta em duas palavras. Na primeira, agradecia terem-se lembrado de nós. Em verdade, nós gostamos de ser hoje o palpito nacional; que falem, que discutam, que se escandalizem, que se aborreçam, — e que nos amem. Gostamos de ser o palpito.

Na segunda, agradecia, também, terem-nos com efeito, prevenido da festa; muitos tem havido e ainda hoje aparecem, que abusam da Casa do Gaiato, para interesses de toda a ordem; aquele simpático grupo, não senhor. Não fez assim. Perguntou, aonde se vê escrupulo e civilidade. E ainda uma terceira palavra a dizer que não: *estas festas não estão no carácter da nossa obra*. E desta sorte, ficamos todos bem. Somos amigos. O grupo daquela terra continuará a lembrar-se de nós, até, mesmo, por via do non; e nós continuaremos a apreciar a sua delicada consulta. Eis.

Nunca é de mais bater na condição do Pobre e na dos que se

formam em comissões para as festas em seu favor, que vêm nas gazetas com o nome discordante de *Festas de Caridade*; nunca é de mais. Quem é o Pobre? Quem são os festeiros? Eis as duas terríveis e sérias interrogações...!

Por mercê de Deus, tenho-me sabido conduzir na vida como digno irmão dos Pobres a quem sirvo, e esta luz com que o Senhor nos favorece, apaga o esplendor das festas chamadas de caridade. Outro qualquer, nas minhas condições, teria necessariamente de as repudiar. É o instinto das coisas santas. É o amor da pessoa e da condição do Pobre. É a Caridade. O Mundo não lê assim.

Tenho vivido e vale a pena viver até aos 63 só para ouvir da boca do meu Avelino um formidável relato; ele visita um pobre desta freguesia, que anda perto dos 80. Pois bem. O seu amigo, não pode levar avante nem compreende como é possível aquela visita semanal de um rapaz que ele o Pobre, nunca vira, jamais conhecera e a quem nunca prestou serviços; *eu nunca lhe dei nada, menino*. O seu espanto redobra, ao observar e sentir a pontualidade do jovem visitante; *dos meus filhos, só um se lembra de mim, e mais custaram-me tanto a criar, e o*

*menino vem cá todas as semanas*. Oitenta anos de vida e só agora, no fim dela, este Velho se perturba e inquieta; a divina inquietação do Amor! Mas o visitado quer saber mais. Ele não tem paz. Quer que o Avelino lhe explique: *como é que vocemecês arranjam tanto dinheiro para dar a mim mais aos outros pobres da freguesia; vão pedir pelas portas ou quê?* Se eu fora pintor e soubesse mexer tintas, havia de dar as cores mais belas a este quadro amoroso: um Perdido dos caminhos a guiar o mundo!

A vinte séculos da morto do Homem que amou, ainda se desconhece a Lei do seu Amor. Quem o diz? O colloquio supracitado; *eu não posso levar avante que o menino aqui venha fazer-me bem, se eu nunca lhe dei nada*.

Mas isto é a Caridade. Isto é o amor por amor. O Avelino, no regresso das visitas, senta-se ao pé de mim e exclama, quente e comovido: *Pai Américo, a nossa Obra não acaba*.

Aonde vai este mancebo buscar aquela convicção, na hora de incertezas em que o mundo se debate, — aonde? Muito simples. Ele vem de ver lágrimas escondidas nos olhos do seu Pobre. Ele sente que é a causa daquelas lágrimas, pela visita que lhe faz, por isso mesmo o Avelino vive. Comunica a vida.

As festas de caridade, com bailes e tudo, são a morte e espalham a morte.

velha assinante. Lisboa com 200\$. A Murtosa torna aqui com 100\$ retirados da primeira viagem de um jovem piloto. Mais 20\$ do Porto. Mais idem 25\$. Mais Maria e José com 100\$. Coimbra idem. Gaia idem. Uma Maria dos C. T. T. manda os seus dois filhinhos com 200\$. Mais entregue ao Albertino 200\$. Mais idem 50\$. Lisboa com 50\$. E o Porto com 20\$ — deixados por uma nossa filha à hora da morte; *Moribundos na procissão! Mortos não; seria um enterro*. E o Rio torna com 250\$. Mais uma segunda prestação. Mais 100\$ para um parafuso. E Rio de Moinhos. E o Porto com 20\$. Ficamos em 123 contos.

## A NOSSA TIPOGRAFIA

LOGO à entrada, encontramos um senhor do Porto com mil e quinhentos escudos, deixados no Espelho da Moda, entre mais outras quantias, para outros fins. E uma assinante da Namaacha com meia dose; e desejos de ver a obra sempre maior e melhor. Gosto de individuos de bons desejos. Maior e melhor, significa robustez moral, fé no Eterno. Para os que não sabem, digo que Namaacha é uma janela de Moçambique, que diz para o Transvaal. A seguir, temos um Lisboaeta. Outro da mesma terra com 20\$00, porque há dois anos estou impossibilitado de trabalhar; o que nos daria este homem, se pudesse! Agora vai Coimbra; quatro filhos com 50\$ cada. Quatro letras — DEUS. É por Deus que eles dão, informa o Pai que os manda e fica em casa. É um Juiz de Direito e chama Santíssima Obra de Redenção, a esta de que nos vimos ocupando há onze anos a esta data. Outro que o dissesse, não teria aquele nome valor; mas sendo um Juiz de Direito, alto lá! Famação vai aqui com três prestações — 40\$00. Ao lado, segue alguém de Teixeira com 300\$. Um senhor do Maranhão envia mais 100\$ já que a procissão ainda não recolheu. Nem há pressa. Ao pé d'este do Maranhão, vai um africano da Beira com 800\$00, — mas ambos nasceram em Portugal. Ambos nasceram, sim, e até este da Beira, envia aquele donativo em atenção aos anos de um seu fi-

lho. Quando se trata dos seus filhos, ele procura lembrar-se da terra aonde nasceu. Da Murtosa, vai alguém em nome de seu cunhado Júlio Valente, que vive no Brasil. Também vai uma Bracarense, ausente da sua terra. E o Porto com 50\$; como estamos em grandes dificuldades — assim começa a carta. Com igual soma, vai uma leitora do famoso, contente pela demora no recolher da procissão. De Lisboa dois numeradores automáticos. O Júlio informa que são três de quinhentos à certa! E Torres Vedras com 80\$00. Um de Nelas que já tinha enfileirado e agora torna com 100\$. Também Carracedo Montenegro com 150\$00. Vai Leça da Palmeira com 30\$00. Um de Coimbra que nos deu trabalho, paga e não quer troco; 71\$70! O Porto com meia dose. A Covilhã quer ajudar a matar o deficit e vai com 100\$00. Lisboa com metade. Alto da Maia, idem. Ermexinde, um nadinha abaixo — 30\$00. Vila Real com 100\$00. No Banco depositaram 100\$00. Vila Moreira, na mesma. Torres Novas, também. Vai também uma Bicha do Carolina Michaelis. Uma Bicha! Bichos já vão. Bichas, é a primeira. E as crianças da Escola Feminina de Custodias com 50\$00. Porto idem. Barcelos manda 500\$00. A Guarda vai com 50\$ e pede uma oração para que Deus dê vocação a um filho que eu tenho para entrar num Seminário e fazê-lo Padre da Rua. Braga com 3 prestações de uma

# PEDITÓRIOS

DESTA feita, foi no S. João. Era a Gata Borrallheira na tela e eu no palco. Deixei ficar a saca nas mãos dos rapazes do Lar, que me informaram, no final, haver muitas notas: isto é que é notas! E no dia seguinte disseram-me pelo telefone o total: 10.750\$00.

Eu não peço. Nos princípios da Obra, era preciso, mas hoje não. Eu prego Cristo Ressuscitado. Nos pulpitos, nos palcos, nos combóios, no avião, nos Barredos; ide por toda a parte, ensinai todas as gentes. Particularmente às multidões sentadas, ordenadas e aptas a escutar, eu digo que, ontem como hoje, Deus opera maravilhas no mundo, quando os instrumentos são doces e inteligentes; inteligência que seja dom do Espírito Santo, já se vê. Outra que seja, incha. Que ninguém se arrogue.

Também preguei naquela noite o totalitarismo, ao falar da ânsia que corre de salvar a civilização cristã no Ocidente. E disse que está tudo feito. Que hoje, basta a cada homem realizar em si, totalmente; a vida total de Cristo. Pode cada um experimentar dificuldades, a muitos faltar a coragem, mas é certo que todos nos salvamos, pelo esforço colectivo.

Disse, ainda, naquela noite, que me não parecia nada bem o que na data diziam os diários: Milhares de crianças perdidas de seus pais, lançavam tais gritos que o fogo das metralhadoras era incapaz de abafar. E' a ausência; a ausência de Cristo na pessoa e vida do cristão. Não é mais nada.

Eu não peço. Aproveito a ocasião das grandes assistências e digo da Caridade.

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

MAIS um professor primário do distrito de Viseu, que ficou viuvo e veio por aí abaixo, com estes dias de frio intenso, deixar e espolio de roupas da sua Esposa; e da sua magra algibeira, puxa por uma nota de 500\$00!

Mais da Companhia Geral dos Algodões de Angola um postal a dizer que esta Companhia contribue com 100\$00 para a sua Obra. O postal é dirigido a Américo Martins. Enganaram-se; eu sou Monteiro. E também se enganaram na soma. Mais mil escudos. do Porto em duas notas de 500\$. Mais mil escudos do Rio de Janeiro, deixados no nosso Lar do Porto. Mais 40\$00 do Sindicato dos Operários Metalurgicos. Mais um ror de pequenas quantias entregues aos nossos vendedores, e muito mais deixadas no Depósito, aonde também entregaram duas peças de flanela e mais tecidos de lã e mais e mais e mais. Mais 325\$00

de quotização entre os alunos do Curso de Sargentos Milicianos e alguns Sargentos do Regimento de Cavalaria 7 de Belém.

Mais 100\$00 do Porto, de Amélia. Mais do Rio de Janeiro um conto. Mais do Porto 500\$00 com pena de não poder mais. Mais medicamentos de Carviçais. Mais 100\$00 dos empregados da Secção de Incendios da Tranquilidade de Lisboa. Mais de Caracas, Venezuela; é um português. Não calcula, padre, quanto amor e quanta saudade tenho dos meus filhinhos. Toda a carta é feita de um coração ausente, escrita nas vésperas do Natal... Trás um cheque de 15 dólares. Mais 250\$00 da União de Grémios. Mais o mesmo de Tondela e roupas. Mais 20\$00 para a adubadela do Barredo. Mais uma subscrição de 127\$50, de 17 pessoas que desejam oferecer uma bola à Casa de Miranda. Mais 50\$00 para o Barredo de Vizinha do Marão.

# TRIBUNA DE COIMBRA

## Pelas Casas do Gaiato

### Um cartãozinho

COMO sou um leitor apaixonado do «Gaiato» vi o apelo do Sr. P.<sup>o</sup> Horácio. Comemorando o dia dos meus dez anos, aí vão, pois, umas migalhinhas para ajudar a aquecer os seus pequeninos. Desejo que o Sr. P.<sup>o</sup> Horácio se dê muito bem na vida que escolheu, para auxiliar o Sr. P.<sup>o</sup> Américo nessa grande obra de protecção às crianças desamparadas.

Um patriciozinho muito amigo do Sr. P.<sup>o</sup> Horácio.

Ai daquele que escandalizar esta criança! Ele não diz quem é, mas eu adivinhei. É um filho de um senhor Doutor muito meu amigo, que não se conformava com a ideia de eu vir para a Obra da Rua. E não se conformava porque não conhecia. Ninguém ama aquilo que não conhece. O pequenino sim; esse já conhecia, já amava, sou um leitor apaixonado e ficou mais meu amigo quando lhe disse que vinha. Veio ajudar-nos no dia dos seus dez anos com cem migalhas de um escudo cada. E já um doutorinho a falar e a agir. Que o saiba ser sempre, para exemplo de muitos!

### O que nos vão dando

Uma visita de cento e tal meninas e três Professoras e três empregadas do Liceu de Coimbra que muito viram e que deixaram aqui uma nota de «olho de boi» e roupas e bolos e tudo quanto trouxeram. E cem; e mais, muitas roupas usadas e 100\$00 e uma oração pelo meu filho que vai para a Africa para que o Senhor o proteja de uma mãe. Deus há-de protegê-lo! E a Empreza de Joaquim F. Oliveira com 16 puloveres de lã. E o Grémio de Panificação com duzentos. E um senhor que está sempre a dar, e muito, e diz que nunca olho para aquilo que dou e nunca me faz falta; venham sempre; e o meu remédio é fazer o que me mandam e daqui a pouco lá me

### Uma Carta

lavras.

Ele manda duas notas de 20\$00; vai qualquer coisinha. Mais adiante informa, como quem se desculpa, o rico não sou eu. De onde podemos supor que este Rapaz vive sob o domínio piedosamente cruel de um pai rico. Tenho aqui outra carta de alguém nas mesmas condições: roubei estes 100\$. A mão do meu pai é uma fortaleza com cinco guardas vigilantes. E conta da miséria doirada que vai n'aquela lar!

Eis aqui! Estes mancebões, não querem a Raça nem a Classe. Não amam ideologias nem instituições. Não se procuram a si mesmos. Querem o Bem Comum. Amam o seu semelhante por amor de Deus. Vede como eles se amam. Foi assim, amando-se uns aos outros, que os primeiros cristãos implantaram a doutrina de Jesus Cristo. Hoje tem de ser como então; é o mundo novo de que se fala no Gaiato.

tem outra vez à sua porta; agora são trezentos. E a União de Grémios de Logistas com 500\$00. E o «Colégio Progresso» em massa a visitar o nosso lar na companhia dos senhores Directores e a deixar muitas coisinhas. Eu estou muito admirado com tudo isto. E uns senhores com flanela e riscado e massa e não sabiam o nome. Isto é espantoso! «Que a tua mão direita não saiba o que faz a esquerda». E visitantes com mais 35 deles. E cinquenta do Grémio dos Industriais de Transportes em automóveis; uma bola de borracha de uma estudante. A Socony-Vacuum com cem; e um senhor que dá sempre muito e que agora veio com dois contos e meio; mais cinquenta; e a Auto-Industrial com quinhentos; e uma Anacoreta com um sobretudo, umas calças e uma camisola e vinte.

E a propósito, lembro que estamos no inverno, tempo de chuva e «quem anda à chuva molha-se», e os rapazes do Lar trabalhavam fora e não têm guarda-chuvas e moem-me a pedirmos. Peço a quem os tenha novos ou usados, para os mandar para aqui; «é uma lança em A'frica». E uma senhora Elvira e orações por alma de meu marido. Quando vejo a pedir orações fico todo vaidoso a lembrar-me de que ainda podemos servir para alguma coisa. E os rapazes da M. P. do Liceu, em forma, a visitar o Lar; quiseram ver tudo e ficaram espantados com os que eram lixo da rua e agora são como eles; deixaram jogos, bolos, livros, brincadeiras, etc.

(Continua no próximo número)

## CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

### Conhecendo os nossos irmãos

Um dos confrades que visita um Pobre já entrado na idade, este apresentou-lhe um rol de perguntas. De entre as ditas dizia: como é que o menino que não me é nada, nem me deve favores, me visita...? Como é que vocemecês arranjam tanto dinheiro...? Et coetera, et coetera... Fixamos inicialmente estas, porque são duma maneira geral a síntese da sua curiosidade.

Podemos tirar daqui uma lição profunda. São as bichas. Sim; as bichas de pedintes, que eles julgam ser a verdadeira maneira de se praticar a caridade. Ainda ontem me ocorreu tal. Já não é a primeira, nem segunda vez, que as vejo com os meus olhos. Na sua grande maioria compunham-se de velhos como o das perguntas, uma percentagem elevada de atrasados mentais, ou numa só palavra anormais, para quem deviam existir instalações suficientes para os receber... Estes são o escândalo para uns, e a oportunidade de um detestável bom humor, para outros! E' a estas procições do tostãozinho—porque infelizmente ainda são poucos os que se querem humilhar (?)—que os Pobres julgam ser caridade. Dissemos-lhe depois que não. Ela é sacrifício e não—caridade com comodismo! Nós é que temos o dever de os ir visitar; de os acarinhar. Horroriza o espectáculo das bichas!...

### PAÇO DE SOUSA

CHEGARAM-NOS há dias três patos. Os nossos gaiatos gostam de os ver a nadar no tanque do campo da bola. Já que estamos a falar nestas aves, lembramos aos senhores se quiserem mandar algumas patas agradecemos. E assim já haviam aves de toda a espécie: galinhas, perús, garnizés e galos.

JÁ que estamos a falar nas aves, as nossas galinhas andaram um tempo sem por ovos, mas agora já poem. Ora os nossos rapazes gostam deles. A senhora anda a ver se nos dá ovos para todos, mas como as galinhas poem poucos, ainda não pode ser. Estamos à espera doutra excursão da Murtosa para trazer aqueles ovos tão saborosos...

NO dia 21 do mês de Janeiro foi o dia do Porto—Sporting. O Jacinto que é tipógrafo e o Rodrigo alfaiate, foram pedir ao nosso Pai Américo se os deixava ir ver o jogo e o nosso Pai Américo disse que sim. Rodrigo que é aferroado do Porto e o Jacinto que é do Sporting, lá foram no domingo de manhã às 7 horas. Depois vieram-se embora, chegaram à nossa aldeia, começaram a dizer coisas do jogo e diz o Rodrigo se não fosse o Azevedo que o Sporting perdia por mais, mas assim só foram 3-0. Os senhores devem saber que cá na casa há mais portistas do que sportinguistas. Por isso cá o amigo cronista dá um viva ao Futebol Club do Porto!

ALFREDO ROSA

### Miranda do Corvo

JÁ começamos a fazer o nosso jardim que fica junto do nosso moinho; já lá andou um pedreiro a construir um muro e alguns gaiatos a cavar a terra e a preparar algumas coisas; agora só nos faltam algumas sementes e plantas para completar o nosso jardim. Também já temos o nosso moinho a funcionar há tempos e é tocado a electricidade.

NO dia 19 do mês corrente quando nos levantamos fomos dar com um cordeirinho e ao meio dia demos com outro. Isto foi uma alegria para todos e uns gritavam que já tinha nascido um cordeirinho. Agora já temos sete cabeças de gado!

Temos tido algumas visitas. No dia 10 vieram cá umas estudentas de Coimbra que no fim de ver a casa deram cinquenta escudos. Essas estudentas já cá tinham vindo no ano passado e tinham tirado algumas fotografias à rapaziada. Disseram que nos mandavam as fotografias mas esqueceram-se; desta vez elas mandaram as fotografias e uma bola de borraça. Também cá vieram umas meninas do Liceu Infanta D. Maria de Coimbra que nos deixaram 1.000\$ e algumas coisas.

ALFREDO SERRA

nhecem tantos que até vivem pior que alguns animais de luxo...

Não nasceram para isso, dizemos-lhes nós; mas para viverem decentemente. Se as coisas estão assim, é por culpa do mundo...

### O que recebemos

Depois da grande avalanche por ocasião do Natal, a tempestade amainou. Veio a calma! Mas nós, os gaiatos vicentinos, não podemos estar inertes; queremos acção, movimento, obras. Venham donativos; tudo o que for utilidade para os nossos Pobres. Eles receberão o que enviarem, de braços abertos, e agradecerão—como eles sabem—o interesse de todos vós.

O pequenito que socorremos, o Guilherme, salva-se e nós queremos salvá-lo. O seu sorriso agora, depois destes primeiros tratamentos, é um facto! Já se levantou! E' a vida, e por nossa parte não a queremos morta.

Assim compreendeu alguém de Carrizado de Montenegro, que para o doentinho tuberculoso oferece de uma farmácia que não é «monstro», 5 gramas de estreptomycinina e soro. Serve de exemplo para outras explicações. E' uma Farmácia! Porque não outras a seguiram, já hoje, as mesmas pisadas? Venham todas as que nos escutarem. E' um nosso irmão que precisa de auxílio. Veremos.

Deus queira que para a próxima quinzena haja mais que dizer, sinal que muito recebemos. Entretanto, vai daqui um obrigado sincero.

J. M.

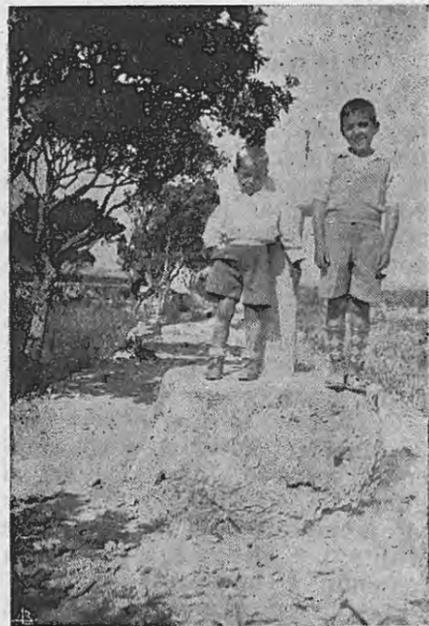
# ISTO É A CASA DO GAIATO

OS dez vendedores, bateram ontem à porta do meu quarto de dormir, estando eu ainda recolhido. Eles saem todas as quinzenas no comboio das 7, mas não é costume virem ter comigo; eu é que as mais das vezes, desço a cozinha a gozar o leite que eles tomam. Ora eu, vendo-os todos à minha roda, previ assunto importante. Risonho toma a palavra: *se v. fosse muito nosso amigo, faxia-nos uma coisa.* Fiquei à espera da coisa. O rapaz não adiantava. Os seus companheiros idem. *Era uma coisa, torna o Risonho. Era deixar-nos ir ver o Sporting a jogar com o Porto.*

Ouvi tudo e disse que isso não estava nas minhas mãos. Que uma vez no Porto, eles ficavam às ordens do chefe do Lar e eu nada tinha com isso. Que pedissem eles ao Carlos. Ele é amigo. Ele deixa. Nova pausa. Mais silêncio. *Aí torna o Risonho; mas se v. fosse muito e muito nosso amigo, telefonava ó Carlos que nos deixasse ir.*

O Hélio estava mesmo à minha beira; era o mais pertinho de mim. Agora toma ele a palavra e declara que nem valia a pena ir ver; *o Sporting é que vai ganhar.* Oh pálvral! Os dez levantaram-se, uns que sim outros que não, e eu tive de os apartar!

Mas isto não é tudo. No domingo do desafio, tive de ir ao Porto. Sporting perdera. Agora são os grandes. Amadeu Elvas, de 19 anos de idade, vem para a mesa e não come! Carlos Rebelo, da mesma idade, tinha um sobretudo novo para estrear e não o fez; *o Sporting perdeu disse!*



Estes dois inocentes são da Casa do Gaiato do Tojal. O número deles sobe. Já pedi ao P.e Adriano que não fosse acima dos cem para não repetir o erro dos 180 que temos em Paço de Sousa. Se nos fosse possível reduzir, ficaríamos naquela cifra. Tudo quanto for a mais, pode ser bonito, mas não é conveniente. Não se pode educar. Não se penetra nas consciências. Conheçamos nomes; mas não rapazes. Então quê? Multiplicar as casas e diminuir a população, enquanto não se levar o mundo português a ter medo da natalidade clandestina...

Quando chegarmos a esse ponto, cada criança terá o seu pai, e cada pai o seu lar e cada lar a sua família, aonde todos possam comer o pão com o suor do seu rosto, que é este que Deus amassa. D'outra forma, é o Diabo.

piseira, com uma permanente, com uma agenda de bolso e, com um relógio de pulso! Qualquer um d'estes objectos, é suficiente para tornar um rapaz feliz; mas os quatro ao mesmo tempo, na posse de um só, perturba e desequilibra. Anda aqui tudo assombrado! Mas como foi? Quem lhe deu aquela fortuna? Eu digo: duas senhoras dos Correios tiveram de fazer exame e antes, prometeram ao Abel uma coisa, se ele rezasse a Santo António para que elas ficassem bem. O Abel cumpriu, segundo ele me informou: *eu rezei uma semana.*

Quer tenha sido por isto, ou por elas terem estudado, o certo é que ambas ficaram distintas!

Abel delirava, ao mostrar-me as quatro joias, e explicava de como tinha sido: *primeiro deram-me o lápis, depois a caneta e eu aqui dei um ai, depois o relógio e dei um suspiro muito fundo.* Mais adiante informa que tudo tem o seu nome a oiro: *olhe.* Só agora sei do seu lindo nome: *Abel Augusto.* O oiro, é o amor das duas senhoras do Correio por esta e outras crianças de ninguém!

Abel, presentemente, ostenta o relógio no seu pulso e na algibeira, dentro das caixinhas originais, a lapizeira mai-la caneta; e imediatamente por trás, o livrinho de notas.

Abel não conhecia as horas, mas hoje sabe. Ainda há pouco mas disse, com exactidão dos segundos!

Abel Augusto, tomou hoje o seu pequeno almoço comigo. Eu quero-me associar. Senta-se à minha mesa.

— Queres café ou leite?  
— Tanto faz.  
— Diz. Queres café com leite, ou só leite.

— Quero só leite.  
Abel tomou leite. Eu quando morrer, levo no meu caixão uma grande alegria: ter dado leite a uma criança festejada, que em pequenino não conheceu peito de mãe!

Manuel Risonho anda desconsolado. Entupiu com o relógio e mais coisas do Abel.

E' que ele, Risonho, um pouco antes do Natal, pediu a um seu compadre da Tipografia, que lhe fizesse um livro de apontamentos, aonde desatou a apontar as coisas que lhe haviam de dar como aqui já se disse. Ora acontece que ninguém lhe deu nada e ao Abel, que não tinha livro nem apontou, deram-lhe um mundo. *Risonho*, que foi tão pronto em me mostrar o livro e dizer o seu sonho, agora, se me vê tomar um caminho, toma outro, para se desencontrar; foge. Anda entupido. Foi muito bem feito não lhe terem dado nada. Que ele tome a lição.

Deu-se balanço aos haveres da tipografia e notou-se uma pequenina baixa no armazem do fio e do papel. Foi o *Piolho* que deu por ela e agora anda com mais cautela. E' rigorosamente proibida a entrada naquela secção dos deles que usam capacetes e botam papagaios. A quebra dos dois artigos, provinha, justamente, das suas repetidas visitas ao armazem.

Mas o Fernando Marques, que entre nós dá por *Piolho*, sendo tão louvavelmente cuidadoso numas coisas, é um bocadinho infantil noutras.

Assim é que, tendo entrado ontem no seu escritório e reparado no chão da sua mesa de trabalho, notei uma grande superfície de tinta derramada. Apurei. Não foi na da; dois tinteiros dela preta e encarnada, ambos eles entornados! Que fosse um dos mais pequenos, não estava certo, mas desculpava-se facilmente. Com o senhor Marques não. O senhor Marques, embora miudo, tem 18 anos. Dois tinteiros de tinta!

Outra vez o senhor Marques. Hoje, à hora do jantar, como lhe faltasse o mocho e não tivesse aonde se sentar, foi dar uma volta pelo refeitório dos pequenos, a ver se arranjava quê. Viu um. Quando ia a pegar nele, eis que o dono levanta a mão, — alto. O dono era o Hélio. Hélio não é para graças; é de Trás-os-Montes. Ele já tem tido aqui boas ocasiões de dar sinal de si... E o *Piolho* ficou mal; foi apupado! Chegou ao seu refeitório e pediu ao companheiro que lhe desse uma pontinha do seu banco e com isso remediou. Quer dizer, temos cá por casa mais rapazes do que assentos.

O torno já funciona. Está devidamente instalado num recinto próprio. O torneiro, não cabe em si, de contente. Chegou a primeira encomenda; seis rodas d'áço para um moitão. Apostava-se a mil escudos, no adro da igreja da freguesia, em como ele, torneiro, não era capaz de as executar. Se tivessem fechado o contrato, o incredulo estava hoje sem o seu rico dinheiro. As rodas ficaram um amor. Eu fui chamado várias vezes à oficina, durante as várias fazes da obra.

Chega a maré de azer preço. Eu recomendo ao torneiro, o Armando, já nosso conhecido, que se entenda com o Júlio, pela sua experiencia em orçamentos. E disse e disse e disse. Pois de nada valeu o meu dizer. Que não. *O Júlio não sabe.*



Esta cruz não é nossa; quero dizer não está dentro da nossa aldeia, mas é Cruz. Aonde quer que esteja, a Cruz salva. Foi um visitante que fez subir uns dos nossos para a base de uma que se encontra no adro da freguesia, e quis levar com ele, para recordação. Está o Hélio. O Hélio é o da esquerda; o *Piolho* conhece-o...

Mais torno e mais torneiro; chamei este e pedi-lhe que juntamente com o carpinteiro, tratassem de fazer um carro para o transporte da lata das lavagens, em substituição de um de madeira que usamos. Disse que no Tojal existe um carro muito interessante para este fim, e que consultasse ele, torneiro, o António Carpinteiro que tem muita habilidade para desenho e poderia apresentar uma coisa bonita. Que não! Nem Júlio com o orçamento, nem António carpinteiro com a sua habilidade, nem eu com os meus conselhos, nem nada! E' o torno e o torneiro; os dois amores juntos. Mas o Armando há-de aprender por si. Os anos vão dar-lhe o que ele agora não aceita. Saibamos esperar e confiemos.

## Os nossos Vendedores

*NÓS* somos a conquista; sem falar no Centro e no Sul, no Norte do País já estamos em Braga, Pova de Varzim, Famalicão, Porto, Espinho, S. João da Madeira, Ovar e, desde ontem, Aveiro. Carlos Inácio, o chefe do Lar de S. João da Madeira, acaba mesmo agora de me telefonar, comunicando que mandara dois a Aveiro e que venderam tudo e que vai pedir ao Avelino 600 exemplares na futura quinzena. Com Ovar foi assim: o Machado, um dos do Lar de S. João, sem dar cavaco ao seu chefe, meteu-se um domingo numa camionete, e fez ali praça. Com Espinho sucedeu o mesmo só que, em lugar de camionete, é o combóio. E em lugar de Machado é o Barros. A Aveiro, foram mandados. Seria grande atrevimento de outra maneira, pela distância. Quer dizer, os rapazes de S. João,

assim como há muito fazem os do Lar do Porto, vão passar a ganhar o pão que comem à semana, com o suor do seu rosto, ao domingo. Sim, porque nós só vendemos o jornal nos fins de semanas e por quinzena. A venda não é um fim, é um meio que não prejudica de maneira nenhuma os trabalhos e obrigações de cada um. E', também, e muito principalmente, uma escola. Eles nem sempre são honestos, no princípio... Mas depois, nem que os matem!

Risonho, comunica que a senhora do mel lhe dissera da nossa provável ida a Braga, com o Seiaquim mai-lo seu notável orfeon; assim seja. Assim como em Braga, a do Mel, espera-se que os vendedores de Aveiro, arranjem em breve uma senhora dos ovos moles, pois que naquela cidade, há d'elles e d'elas. Vamos a ver.